



FPF-OPF-01-0028

## O partido como educador-educando\*

Paulo Freire\*\*



\*O artigo integra o documento produzido em 1982, como Texto para Debate do Grupo de Trabalho da Comissão Nacional do Partido dos Trabalhadores que traz também artigos de Carlos Rodrigues Brandão, Demerval Saviani e Moacyr Gadotti, como subsídios para a elaboração de um Plano de Educação Nacional Popular. Este texto foi publicado pela Editora Cortez, no livro já esgotado *A educação como ato político partidário*, em 1988.

\*\* Agradecemos ao professor Carlos Rodrigues Brandão, pela indicação e envio do texto, e ao professores Lutgardes Freire e Moacyr Gadotti pela autorização para sua publicação nesta revista.



Este texto tem a intenção de provocar um debate entre os militantes e simpatizantes do PT para que estes, pensando a questão educacional do país, possam apresentar contribuições à Comissão de Educação encarregada pela Comissão Executiva Nacional de elaborar um Plano de Educação. Esse texto, por isso, é provisório, servindo apenas de "subsídio" para dar início ao trabalho. O Plano de Educação do PT deverá refletir em sua totalidade o ponto de vista dos militantes do partido.

No PT o debate da educação não pode ser uma coisa privativa de um círculo restrito de educadores profissionais. Todas as questões do partido são questões de todos: não são questões "técnicas", questões de especialistas. O PT aprende o que é educação ao fazer educação. O PT é educador que educa a massa, capacitando os seus militantes para que desafiem a massa a superar a pura sensibilidade dos problemas.

É tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político. Isto não significa, porém, que a natureza política do processo educativo e que o caráter educativo do ato político esgotem a compreensão daquele processo e deste ato. Isto significa ser impossível, de um lado, uma educação neutra, que se diga a serviço da humanidade dos seres humanos em geral; do outro, uma prática política esvaziada de significação educativa. E neste sentido que todo partido político é sempre educador, e, como tal, sua proposta política vai ganhando carne ou não na relação entre os atos de denunciar e anunciar.

Mas é neste sentido também que, tanto no caso do processo educativo quanto no do ato político ou do partido, uma das questões fundamentais seja a clareza em torno do *a favor de quem e do que*, portanto, *contra quem e contra o que* fazemos a educação, e do *a favor de quem e do que*, portanto, *contra quem e contra o que* desenvolvemos a atividade política. Quanto mais ganhamos esta clareza

através da prática tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política. O *a favor do que* e de quem que está na origem mesma do partido e de sua luta determina a maneira como sua prática educativa se dá e na qual se incorporam a denúncia e o anúncio antes referidos, bem como o objeto da denúncia e do anúncio.

Um partido de classes dominantes, por exemplo, em primeiro lugar, não pode denunciar as verdadeiras causas dos níveis de pobreza e de miséria das massas populares, mas, pelo contrário, o que ele pode e falar delas, quando fala, de tal maneira que aquelas causas se ocultem. No fundo, a grande denúncia que fazem os dominantes é a denúncia de quem os denuncia e à sua ordem, vistos sempre por eles como "subversivos" e "desordeiros". Por outro lado, que anúncio podem os dominantes fazer a não ser, no máximo, o da "mudança na continuidade?"

Por tudo isso, não pode um partido dos dominantes estar jamais com as massas populares, mas contra elas, servindo-se delas. O *a favor do que* e de quem dos dominantes, que o seu partido procura viabilizar, através de um sem-número de filigranas e de engodos, explica a intenção de sua prática educativa no sentido da preservação do estabelecido.

A relação do partido dos dominantes com as massas populares, através do discurso ou de ações assistenciais, é sempre manipuladora. O discurso ou as ações assistenciais procuram antes ocultar do que desvelar. Isso não significa, porém, que as massas populares se deixem sempre docilmente enganar por tais discursos e por tais formas de ação. Uma prática político-pedagógica a ser desenvolvida por militantes de um partido de massas, neste caso, seria, não a de tentar "levar" a população de uma favela a recusar a água e a luz, por exemplo, que lhe chegam como engodo político, ou criticá-la por aceitar algo tão importante para ela, mas, pelo contrário,



reconhecendo o direito que tem a população de ter água e luz, trabalhar com ela para transformar o sentido falso da doação em reivindicação do povo.

Em última análise, um partido de elite não pode realizar uma educação que, desenvolvendo-se na intimidade mesma dos movimentos populares, ajude as massas a fazer melhor o que já estão fazendo para assim fazer o que ainda não foi feito. Esta, sim, é uma das tarefas político-administrativas de um partido de massas como o PT. O em favor de quem e o em favor de quem, o contra quem e o contra quem em torno dos quais o PT vem se constituindo, ao nascer no corpo mesmo de movimentos sociais, lhe exigem uma compreensão e uma prática necessariamente diferentes, enquanto educador.

O PT não pode ser o educador que já sabe tudo, que já tem uma verdade intocável, diante de uma massa popular incompetente a ser guiada e salva. Um educador para quem o futuro seja algo preestabelecido, uma espécie de fado, de sina ou de destino irremediável.

Enquanto educador, se, de um lado, não pode aceitar que a educação seja a alavanca das transformações sociais, não pode, por outro, desconhecer o seu papel indiscutível nestas transformações. Papel que se realiza, entre outros

momentos, fundamentalmente, no esforço mobilizador e organizador das massas populares, como também no da capacitação de seus quadros de militantes.

É preciso, contudo, chamar a atenção para o fato de que a questão não está apenas em proclamar verbalmente a opção pelas classes e setores dominados, mas ter uma prática político-pedagógica rigorosamente coerente com a proclamação verbal. Uma coisa é a expressão oral da opção pelas classes oprimidas, pelas massas populares, a outra é uma prática elitista, quando sabemos que não é o discurso o que ajuíza a prática, mas a prática que ajuíza o discurso. É então a coerência entre a sua prática e as suas opções proclamadas que virá fazendo o PT, enquanto educador, reconhecer-se também como educando. Vale repetir: para que o PT assuma o seu papel de educador enquanto partido, coerentemente com as suas opções proclamadas, ele tem de assumir também o papel de educando das massas populares. A sua tarefa formadora, como partido de massas e não de quadros, se dá na interioridade das lutas populares, na intimidade dos movimentos sociais de onde ele veio, dos quais não pode afastar-se e com os quais deve aprender sempre.

*S*ó educadores autoritários negam a solidariedade entre o ato de educar e o ato de ser educado pelos educandos, só eles separam o ato de ensinar do de aprender, de tal modo que ensina quem se supõe sabendo e aprende quem é tido como que nada sabe.

